

unesp

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências - Bauru**



DERECK GABRIEL CAMARGO

**A HOMOSSEXUALIDADE NAS PERSPECTIVAS DE FUTUROS PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



**Bauru
2018**

DERECK GABRIEL CAMARGO

**A HOMOSSEXUALIDADE NAS PERSPECTIVAS DE FUTUROS PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Orientador: Prof^a Dra: Lilian Aparecida Ferreira

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru, para
obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.**

**Bauru
2018**

Dedico este trabalho a todas as gays mortas por homofobia.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus. Segundo gostaria de agradecer a meus pais que acreditaram em mim e no meu potencial, mesmo sofrendo e se sacrificando para me verem formado, sendo o primeiro e único até o momento a se formar em uma universidade pública, mesmo estando entre as minorias sociais e não tendo uma educação de qualidade consegui passar no vestibular com muita luta sendo o último da lista de chamados para o curso, mas até o terceiro ano já estava entre os 20 melhores da sala, conquistado com muita dificuldade trabalhando 8 horas diárias e com um salário abaixo do salário mínimo.

Em especial gostaria de agradecer a minha Orientadora Lilian, por acreditar em mim e me ensinar muitas coisas acadêmicas e também da vida, pois muito além de professora e orientadora a considero uma amiga que me ajudou muito nos momentos mais difíceis da minha vida, teve paciência mesmo que as vezes estava fora do prazo estipulado por ela, além de ter me ajudado a não desistir do curso.

Agradeço também alguns professores que lutam pela minha classe obrigada Andressa Ugaya, Fernanda Rossi, Denise Correa e Luciene Ferreira, são mulheres fortes e fonte de inspiração para todas as mulheres.

Agradeço aos meus amigos em especial Thaianne Ferreira e Laura Miranda que em todos esses anos estiveram ao meu lado e suportando minhas crises existenciais e meu ego de autoafirmação e compartilhando problemas. Agradeço também Amanda Scucuglia que mesmo cada um seguindo caminhos diferentes me ajudou com muita coisa, inclusive no primeiro dia de aula.

Agradeço aos amigos do ônibus que fiz viajando durante cinco anos e aos inimigos também que me fizeram crescer “tutu pom?”.

“Já tenho um caminho
Agora eu quero ver quem tá somando por mim
Tô no meu destino, quem constrói os degraus, sabe que não vai cair
Bem, não há rola nesse mundo que nos proíba de ocupar.
Não há mano nessa cena que tente nos silenciar

Cê trombou com as bicha errada
E agora vai ter que escutar
Esse é só o primeiro desabafo que tá entrando pra história
E, com certeza, o meu pai não ia se orgulhar.
E, mesmo assim, eu vou falar.
Por mim e todos que hoje eu tô pra representar
E eles vão me julgar, sempre vão me julgar.
Mas nas minhas crises nenhum deles vai me abraçar, então.

Sigo cantando e armado
Trampando pesado, medindo um dia ser lendário.
Não passo pano pra otário
E mesmo ameaçado, eu serei cada vez mais viado.
Quebrando armários, extermínio à normatividade.
Revolução! Bicha preta se amando de verdade
Botando fogo nas regras dessa sociedade
Vai falar mal, mas vai assistir a nossa liberdade.
Vamo assistir você ouvindo a nossa realidade
Tirando nossas capas de invisibilidade
As mona unidas pro combate e olha no que deu
Se quer verso com massagem, pare de socar os meus.”

(QUEBRADA QUEER, Rap Box. 2018)

RESUMO

Neste trabalho buscou-se identificar e analisar os discursos dos licenciandos de um curso de Educação Física sobre a homossexualidade, afim de se trabalhar com o respeito as diferenças e a diversidade, tendo em vista que ser diferente não significa ser desigual e devemos trabalhar com a temática justamente para desenvolver empatia e respeito. Mesmo ainda sendo considerado o tabu este tema surge justamente para que possamos quebrar estes discurso e verdades impostas acerca da sexualidade humana. Tendo por objetivo identificar e analisar os discursos dos licenciandos do curso de Educação Física de uma universidade pública sobre a inclusão do alunos homossexuais em suas futuras aulas e também a sua pratica pedagógica. Esta investigação foi realizada por meio de entrevistas e também de revisão bibliográfica, foram entrevistados 10 alunos licenciandos de educação física e analisou-se suas respostas, concluindo-se que ainda falta muitos debates, diálogos e conhecimento para os futuros professores, mas embora eles necessitem de mais preparo uma grande maioria pretende trabalhar com o assunto em sala de aula. Para tanto essa pesquisa baseou-se em autores como Goellner, Guacira Lopes Louro, Leticia Lanz, Richard Misckolci, Judith Butler, Willer Maffei, etc.

Palavras-chaves: Homossexualidade, licenciandos, educação física, diversidade.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the impact of teacher education for the diversity and teaching of the theme homosexuality in physical education, in order to work with respect for differences and diversity, considering that being different does not mean being Unequal and we must work with the theme precisely to develop empathy and respect. Even though the taboo is considered, this theme arises precisely so that we can break these discourses and truths imposed on human sexuality. Aiming to identify and analyze the discourses of the undergraduate students of the physical education course of a public university about the inclusion of homosexuals in their future classes and also their pedagogical practice. This investigation was carried out through interviews and also from bibliographic review, 10 undergraduate students of physical education were interviewed and analyzed their answers, concluding that there is still a lack of many debates, dialogues and knowledge for the Future teachers, but although they need more preparation a great majority intends to work with the subject in the classroom. This research was based on authors such as Goellner, Guacira Lopes Louro, Leticia Lanz, Richard Misckolci, Judith Buttler, Willer Maffei, etc.

Key-words: Homosexuality, undergraduate students, physical education, diversity.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPITULO 1- Homossexualidade Uma Difícil Percepção.....	11
1.1- A correlação entre sexo, gênero e orientação sexual.....	11
1.2- A homossexualidade na sociedade.....	14
1.3- A homossexualidade na escola.....	16
CAPITULO 2- Formação Para Diversidade.....	19
2.1- Afinal o que é diversidade?.....	19
2.2- Ser diferente não é ser desigual.....	21
CAPITULO 3- Metodologia	23
CAPITULO 4- Resultados e discussão.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERENCIAS.....	35
ANEXO A.....	38
ANEXO B.....	39

INTRODUÇÃO

Sabemos que ainda nos dias de hoje a homossexualidade é vista como um tabu, pelo qual não deve ser comentado ou tratado no ambiente escolar, não somente a homossexualidade mas a diversidade como um todo, baseado nisso que impulsionamos essa pesquisa, a fim de saber o porquê ainda hoje não se é trabalhado o tema com os alunos.

Estamos passando por um momento de transformação da educação pública, que embora ainda esteja carente em relação ao ensino, vem passando por um período de inclusão da diversidade nas agendas políticas pedagógicas no que corresponde ao atendimento da população. Se até bem pouco tempo a restrita parte da população que frequentava as escolas eram pessoas brancas e de classe média, caracterizando uma “certa homogeneização”, hoje o contexto é outro, houve uma expansão do ensino no sentido quantitativo e das diferenças.

É neste sentido, que não são raras às vezes nas quais nos deparamos com inúmeros desafios em nossas aulas, dentre eles o respeito e a convivência pacífica com o diferente. Segundo Goellner (2010) devemos reconhecer que sujeitos são diferentes porque somos produtos de marcadores identitários, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, classe social entre outros.

No entanto será que os docentes estão preparados para enfrentar esses desafios? E os cursos de licenciatura em Educação Física, estão mobilizando uma formação que sensibilize e prepare os futuros professores para atuar neste contexto? E qual é o papel da Educação Física e do profissional quando se trata do tema diversidade? Neste contexto Goellner (2010) nos ajuda afirmando que devemos levar em consideração o quão importante é a atuação e ação pedagógica dos profissionais, que trabalham com as práticas corporais e esportivas, em vista que podemos e devemos discutir as questões relacionada aos marcadores identitários, quando se trata de corpo, gênero e sexualidade, a fim de promover a afirmação da diversidade, consequentemente estruturando um ambiente de respeito.

Além de Goellner, existem diversos autores que basearam esta pesquisa como Guacira Lopes Louro, Leticia Lanz, Richard Miskolci, Willer Maffei, Etc. eles vem

pesquisando sobre gênero, sexualidade e currículo, o que nos auxilia para elaboração de aulas inclusivas.

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar os discursos dos licenciandos de um curso de Educação Física sobre a homossexualidade. Esperamos por meio desse estudo contribuir para que os futuros docentes estejam melhor preparados para trabalhar com o tema em suas aulas e que eles recebam em sua formação uma melhor estrutura de ensino, onde ocorram mais debates e diálogos acerca da homossexualidade.

O estudo foi dividido em capítulos, no qual trabalhamos a conceituação e a percepção da homossexualidade no primeiro capítulo, bem como explorar como a homossexualidade é vista na sociedade e também na escola. No segundo capítulo já abordamos a formação para a diversidade, onde conceituamos o que é a diversidade e que a diferença entre as pessoas não devem ser motivos para desigualdade, no terceiro capítulo compõe a metodologia e como foi feito este estudo, em seguida a apresentação dos resultados e as considerações finais.

CAPITULO 1

HOMOSSEXUALIDADE UMA DIFÍCIL PERCEPÇÃO

1.1 A correlação entre sexo, gênero e orientação sexual

Nos dias de hoje ainda há uma “neblina” e um tabu envolvendo a homossexualidade, muitos não sabem ao certo o que é e como se constitui o desejo, afinal o desejo é algo tão subjetivo e em constante transformação e reinvenção. Deste modo, para entendermos a homossexualidade devemos procurar compreender o desejo, conceituar e diferenciar conceitos como sexo, gênero e orientação sexual que, muitas vezes, são confundidos e tratados como se fossem a mesma coisa.

Quando falamos de sexo, olhamos por um viés mais biológico, ou seja, diferenças anatômicas que diferenciam machos e fêmeas, segundo Weeks (1999, p.43) sexo é entendido como um “termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres”. Vemos, muitas vezes, na biologia o que é levado em consideração é a fisiologia do corpo envolvendo hormônios, o ácido desoxirribonucléico (DNA), cromossomos, etc, para explicar a diferença sexual dos indivíduos. No entanto, Weeks (1999) sinaliza que, embora essas diferenças sejam atribuídas desde o nascer, “os significados a elas associados são altamente históricos e sociais” (p.43).

O sexo está ligado a sua genitália somente isso, ou seja é um dado biológico que não pretende-se ignorá-lo. Segundo Lanz (2014) hoje temos somente quatro tipos de sexo que são reconhecidos, entre eles são: Macho, Fêmea, Intersexuado, e Nulo. Respectivamente macho é quando se nasce com um pênis; fêmea é quando se nasce com uma vulva; intersexuado é quando se nasce com uma mescla das duas genitálias pênis e vulva; nulo é quando ao nascer não é possível identificar nenhum traço genital preciso.

Agora quando falamos de gênero, estamos mais integrados na questão social e dos papéis atribuídos aos homens e mulheres e como expressamos e performatizamos nosso gênero perante a sociedade. O termo gênero se articulou com a segunda onda do movimento feminista, que pretendia utilizar este termo para diferenciação de sexo. Sob este ponto de vista, Louro (2008) destaca que pretendia-

se, por meio desse, ignorar um regulador biológico que se escondia no uso dos termos como sexo e diferença sexual, não pretendendo negar a biologia, mas considerar a materialização de uma construção social e histórica que influenciava os papéis sociais masculinos e femininos e que estavam articulados com um discurso regulatório biológico.

Entretanto, a terceira onda do movimento feminista atribui aos conceitos gênero e sexo como apenas discursos regulatórios, que ainda emergem do dispositivo binário, afim de uma regulação social. Neste sentido, os dois conceitos não estariam entrelaçados a nenhuma característica biológica, e sim a uma característica político-cultural. (LANZ, 2014)

Nesse contexto os princípios pós-estruturalistas, também entrelaçado com a teoria Queer¹, destacam que o gênero e também o sexo não possuem nenhuma base biológica, mas sim são discursos normalizadores sociais, políticos e culturais que foram construídos. Deste modo, podemos dizer que gênero e sexo são produtos socialmente construídos. Nesse sentido, é possível afirmar que o gênero, o sexo, a sexualidade e o próprio corpo, estão passíveis de forças sociais que o inscrevem, transformam e mudam de variadas formas (GIDDENS, 2005, p. 106).

Para Lanz (2014) orientação sexual é algo que está ligado no campo do desejo, ou seja, a orientação sexual de alguém nada mais é que por quem uma pessoa sente desejo de ficar e estar junto, seja ele erótico ou afetivo. Por exemplo: com quem a pessoa se interessa em namorar ou transar, como uma “bússola” que orienta para qual lado você vai seguir. Leticia Lanz (2014) estabelece que todos os conceitos são extremamente diferente entre si, mas que, em nossa sociedade, estão interligados. O efeito desta interligação está na atribuição da normalidade pelo viés biológico, demarcando uma referência binária linear (homem-mulher): nasce-se macho, logo deve-se ser homem e ter desejo por fêmeas. A mesma coisa com quem nasce fêmea, deve-se constituir como mulher e seu desejo deve ser por machos. Agora quem foge desta norma entre sexo, gênero e orientação sexual não é plenamente aceito e legitimado. Há com isso uma invisibilidade para essa vida que está abjeto da sociedade. Por conta disso, nos perguntamos: qual vida realmente importa? Será mesmo que somos todos iguais, nos encaixando num padrão ou num modelo?

¹ Para MISKOLCI (2009, p. 150) “Teoria Queer emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero.”

O corpo é generificado e carrega marcas que são impostas e escritas sobre ele, o que se torna um grande problema para garotos e garotas trans ou jovens não binários nos espaços escolares. Por isso, que se deve ter claro que as sexualidades são plurais, pois não existe somente um padrão correto, estável, desejável entre os sujeitos (SILVA; MELLO, 2011).

Nesse conjunto de discursos, a heterossexualidade emerge como um aparato que se fundamenta nos processos sociais de regulação e controle, mesmo em relação aqueles viventes que não se relacionam com indivíduos do sexo oposto, pois ela não se restringe apenas aos sujeitos legítimos e normatizados. Contudo, trata-se de uma indicação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que visa formar os sujeitos para serem heterossexuais ou elaborarem suas vidas a partir do modelo supostamente correto, superior e “natural” da heterossexualidade, sem levar em conta que para que ela exista se faz necessário uma reiteração constante de domesticação e controle dos corpos (MISKOLCI, 2009).

Outro conceito igualmente relevante nesta análise se refere à heteronormatividade, surgindo como um dispositivo regulatório da prática heterossexual, imposta como norma não somente cultural, todavia, biológica, se constituindo como uma ordem que obriga uma sequência entre sexo-gênero-desejo, formando assim, uma tríade heteronormativa. Nesse aspecto, a homossexualidade se torna uma fuga à norma, ou seja, é vista como um desvio e o sujeito precisa ser novamente reintegrado à norma, ao padrão esperado por terceiros em relação aquele sujeito. São esses discursos que regulam e moldam os códigos identitários de gênero, tendo por base a diferença sexual e a construção de sujeitos binários, ou seja homem ou mulher (BUTLER, 2003).

Daí a importância de se discutir a correlação entre a homossexualidade com as questões de gênero e sexo, embora não sejam a mesma coisa possuem influências umas sobre as outras, ou seja a homossexualidade é a constituição do desejo que envolve o laço afetivo ou sexual com pessoas do mesmo sexo, que é, muitas vezes, consideradas “anormais” devido ao estabelecimento da heteronormatividade. Deste modo, há um adestramento dos corpos e a imposição de discursos engessados sobre as relações afetivas consideradas “normais” e as “anormais”. Estas últimas são também denominadas por: “aberrações”, “marginais” e “vidas que não importam”.

1.2 A homossexualidade na sociedade.

Nos dias atuais a homossexualidade ainda é vista como algo desviante aos padrões impostos. Para Miskolci (2005 p. 5):

O desvio era a consolidação de uma nova tecnologia de poder na sociedade, nos termos de Michel Foucault, que o denominou poder disciplinar, um meio de intervenção e normalização social que foi o responsável pela criação do desvio [...] numa tecnologia de poder que estabeleceu normas, as naturalizou e fez com que todos os que não se enquadrassem nelas passassem a ser classificados como desviantes.

A normalidade, sob esta perspectiva, é uma consolidação de um padrão social e de normas comportamentais sendo tidas como “verdades absolutas” e os que fogem dessa norma são considerados desviantes. Deste modo, não somente a homossexualidade, mas também o movimento feminista, o movimento dos negros, e todos aqueles que fogem a essa normalidade são considerados desviantes ainda hoje.

A sociedade brasileira foi construída pelo binarismos, um pensamento que engessa, fixa e controla corpos, impondo a posição dos sujeitos que são considerados “normais, superiores e centrais”. Esses são os homens brancos, masculinos, classe média, heterossexual e cisgênero, seus opostos “subordinados” são: mulheres, negros, pobres, homossexuais e transgêneros, considerados “inferiores, marginais, exóticos e estranhos”.

Devido a essas diferenças sociais se gera muitos discurso de ódio, preconceito, discriminação e violência que atingem lésbicas, gays, travestis, transexuais e tendem a restringir seus direitos básicos de cidadania. Estas ações acabam expondo esses sujeitos as piores forma de desprezo e abusos e não é à toa que as travestis e transexuais constituem a parcela com maior dificuldade de acesso e permanência ao ensino e, automaticamente, a inserção no mercado de trabalho por conta do preconceito e da discriminação a que estão submetidos (PERES, 2004).

Isso se dá a associação do sujeito homossexual com coisas negativas, para Barreto (2009, p.12) a maior parte do preconceito é decorrente do não conhecimento da “realidade do indivíduo homossexual”, ou seja, a falta de informação, sempre fazendo uma correlação do sujeito homossexual com coisa negativas. Nota-se isso

no Brasil, país no qual, até bem pouco tempo, o sujeito homossexual era considerado doente, além de estar associado a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Devido a diversos preconceitos que os homossexuais ainda vivem, muitos escolhem por se tornar “invisíveis” na sociedade, optando por não assumirem sua identidade. Para Barreto (2009, p. 13) “o fato desse sujeito assumir a sua identidade homossexual acarretaria problemas na vivência de suas outras identidades, na sua vida em sociedade, por haver conflitos entre essas identidades”.

O assumir-se homossexual desafia a heteronormatividade e o pensamento homofóbico em que vivemos, na medida em que esta autoafirmação é considerada um desrespeito. Todavia, o assumir-se gay ou lésbica é também um ato político. Para Sanders(1994, p.242).

Ser gay ou lésbica em uma cultura homofóbica e heterossexista pode amparar um segredo sobremaneira potente e deletério. Este não é apenas um segredo sobre um fato, um evento, o acobertamento de um período de tempo, ou de um relacionamento passado, mas é o acobertamento da essência de uma pessoa, daquilo que convida esta pessoa a juntar-se à raça humana – a necessidade para afiliar-se, embora com pessoas do mesmo sexo.

Muitos homossexuais são privados de viverem suas vidas, demonstrar suas afetividade e sentimentos, deste modo a sociedade exerce um poder de invisibilidade sobre essa comunidade. Para SANTOS & BERNARDES (2008 p.290) “Gays e lésbicas são vetados ao toque, ao olhar, ao abraço, ao beijo, à expressão genuína e espontânea do sentimento amoroso na presença de outrem, particularmente em se tratando do espaço público”.

Apesar destes desafios, reconhecemos que este grupo social ganha força se autodeclarando homossexuais, assumindo seu desejos e ousando enfrentar a repressão em busca de aceitação, respeito e inclusão. Segundo Santos & Bernardes (2008 p.290) “este amor intenso por outra pessoa do mesmo sexo é inaceitável para a nossa sociedade, ele se transforma em segredo que vitimiza, tiraniza, recrimina e auto-anula o sujeito em prol de uma conformidade social”.

Deste modo a sociedade heteronormativa, que Michael Warner descreve a como uma verdadeira (...) obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante (*apud* BRITZMAN, 1996, p.8).

Por conta disso, se faz importante a discussão sobre o preconceito que os homossexuais sofrem no dia a dia e até mesmo a reprodução de estereótipos perante uma sociedade que discrimina e impõe padrões a serem seguidos.

Há, em todo este processo, a necessidade do reconhecimento e do respeito pelas diferenças que, no exercício da construção da cidadania envolve a luta por direitos e oportunidades iguais. É neste sentido que a escola, especialmente na pessoa do professor, tem papel fundamental na discussão destes temas, reconhecendo que existem marcadores sociais da diferença, como denuncia Goellner (2010): “marcadores identitários” que envolvem o gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, entre outros.

1.3 A homossexualidade na escola.

Não são raras as vezes quando estávamos na escola e vivenciamos momentos de repressão de nossa sexualidade, impondo padrões e normas relacionadas a nossos gêneros. Ali, se controla e vigia nossos corpos, pelo qual muitas vezes ocorre uma confirmação de nossas masculinidades e feminilidades. Devemos questionar e problematizar o binarismo sexual e de gênero, que muito colabora para desigualdade no ambiente escolar e isso é evidenciado pelas crianças masculinas, que possuem traços femininos e são fortemente vítimas de chacotas, *bullying*, agressão, tanto por parte dos alunos quanto pelos professores – que se utilizam de uma pedagogia denominada do “armário” para silenciar e esconder essas crianças. Junqueira (2011, p.78) reforça a ideia dizendo que algumas brincadeiras heterossexistas e homofóbicas utilizadas, quase sempre como recurso didáticos, firmam mecanismos heteroreguladores de objetivação, silenciamento, dominação simbólica, normalização, ajustamento, marginalização e exclusão. Segundo Louro (2000 p.19):

Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem.

Para Johnson (1996, p.176) o ambiente escolar deve ser um local de promoção de conhecimentos diversos, e não um local de invisibilização e ocultamento de pessoas ou desejos quando se trata da sexualidade. Nesse sentido, vemos que a escola invisibiliza a homossexualidade, oferecendo restritas oportunidades de

discutirmos e aprendermos sobre orientação sexual, desejo, por exemplo. Esta ausência de espaço na escola para estas reflexões desencadeiam comportamentos de culpa e vergonha. Segundo Louro (1997, p.58)

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

Segundo Bortolini (2008), no ambiente escolar existe uma diversidade de sujeitos e de diferentes construções culturais e é, exatamente nesse espaço, que corpos e discursos acabam se materializando para a promoção de um modelo que exclui e marginaliza aqueles que não correspondem as expectativas de enquadramento e normatização. Por conta disso, a escola se torna uma arena cultural em que várias visões de mundo entram em confronto. Padrões de beleza vêm à tona, afirmando o que e quem é bonito ou feio, qual o tipo de cabelo supostamente é bom ou ruim, quais são as vestimentas adequadas aos meninos e as meninas.

Segundo Louro (2000), um corpo que é escolarizado pode suportar a ficar sentado por muito tempo e manter a ordem, além de possuir estratégias e recursos de demonstração de interesse por meio de expressões e linguagem corporal, mesmo sendo uma atuação ou, às vezes, sem mesmo perceber. Este corpo educado e adestrado pela escola segue sempre o princípio da ordem, silêncio e os modos de se agir, falar e pensar.

No entanto o corpo não é somente educado na escola, mas sim também em vários locais que utilizam de discursos ideológicos para adestra-los e controlá-los. Para Goellner (2010, p.74):

Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente, com recomendações, como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida. Educa-se o corpo também no esporte, no lazer e nos projetos sociais.

Historicamente, é possível visualizar como a escola brasileira se estruturou por meio de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças que veio reduzir à figura do outro como algo estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso que não se firmasse no pressuposto heteronormativo. Ou seja, todos aqueles e aquelas que não atendessem a esse padrão estavam automaticamente descartados do sistema social, figurando a margem do sistema, sendo vistos sempre como subalterno, sem voz ativa e sem visibilidade (JUNQUEIRA, 2009).

Ao se pensar sobre essas questões é importante reconhecer que a diversidade significa aceitar o diferente, mas infelizmente não é isso que ocorre, pois muitos sujeitos acabam sendo excluídos de diversos direitos sociais como: o acesso e permanência no sistema educacional; acesso ao esporte e ao lazer (GOELLNER, 2010).

Por muito tempo as aulas foram construídas e desenvolvidas a fim de privilegiar apenas uma parcela dos indivíduos e também certos grupos sociais, e para desestabilizar e transformar essa prática pedagógica é preciso reconhecer isso e que determinados grupos são privilegiados em relação aos outros, afetando a permanência de alguns indivíduos no esporte e no lazer. Para Goellner (2010, p.82) “Jovens homossexuais (masculinos e femininos) frequentemente se sentem deslocados nas atividades esportivas, pois não são respeitados quanto a sua orientação sexual”.

Estes apontamentos só reforçam a importância de que essas temáticas sejam pautas por meio de diálogos e debates na sala de aula, na busca de construir um canal de convivência e respeito em relação às diferenças sociais, culturais e sexuais. Trata-se com isso, de buscar a formação de sujeitos éticos e que saibam respeitar o próximo e a aprendem a conviver de modo igualitário com as diferenças, afinal diferença é diferença e não inferioridade.

CAPITULO 2

FORMAÇÃO PARA DIVERSIDADE

2.1 Afinal o que é diversidade?

Neste termo há o reconhecimento de que seres humanos são diferentes entre si, ou seja nenhum ser humano é igual ao outro, seja pela cor de sua pele, cabelo, desejos e como performatiza a constituição do seu ser. E não deve existir as questões das maiorias que vemos hoje que se trata maioria não em quantidade numérica. Para Deleuze (1992).

As minorias e as maiorias não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades... ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. [...] mas sua potência provém do que ela soube criar, e que passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender (DELEUZE, 1992, p. 214).

Ao reconhecermos essas diferenças pensamos nelas como classes, em que na sociedade pode ser considerada inferior. Ser diferente de um padrão normalizador é ser revolucionário e assumir o papel de sim existimos e resistimos ao modelo normativo e exigimos respeito.

Antes de discutirmos sobre diversidade vamos refletir aqui sobre corpo e porque somos diferentes. Para Goellner (2008) devemos pensar no corpo como um constructo social e cultural, desnaturalizando assim a forma como o corpo é visto, ao defendermos que o corpo é histórico.

Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.”
(GOELLNER, 2008, p. 28)

O corpo não é algo que já está pronto e que é universal, mas sim está em constante transformação, sendo influenciado pela cultura e sociedade em que vive. Ainda, segundo Goellner (2008, p.28)

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Sob este ponto de vista, nosso corpo é mais do que o biológico, é uma relação entre natureza e cultura, assim as diferenças atribuídas a ele/nele se relacionam com as imposições sociais. Questionar as diferenças sexuais, deste modo, significa questionar que essa diferença não se dá apenas na questão biológica, mas sim nos papéis que são atribuídos às masculinidades e feminilidades. Tais construções socioculturais estabelecem os papéis impostos a cada gênero, engessando-os a somente uma forma de se pensar, ou seja atribuindo aos gêneros um padrão normativo que colabora com as desigualdades, indo na contramão do entendimento da nossa pluralidade. Goellner (2008, p.77) propõe dizendo que:

Sujeitos são plurais e essa pluralidade deve ser valorizada e aceita nas suas singularidades. Para tanto é necessário, de antemão, rejeitar os rótulos que aprisionam, engessam e fixam os sujeitos, enredando-os em representações que os nomeiam como feio ou bonito, apto ou inapto, saudável ou doente, normal ou desviante, masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual. Precisamo-nos dar conta de que práticas como essas reforçam discriminações e exclusões, ao invés de ampliar possibilidades de intervenção junto aos sujeitos. [...] Nesse sentido, quero chamar a atenção para a necessidade de refletirmos e problematizarmos o caráter natural atribuído ao corpo, ao gênero e à sexualidade, pois, em nome dessa natureza, por vezes não identificamos atitudes discriminatórias e, conseqüentemente, de exclusão.

Não somente as diferenças sexuais se dissipam, ficando à margem da sociedade, mas qualquer diferença que não atenda ao ordenamento social estabelecido. Compreender a diversidade vai muito além de apenas respeitar as diferenças, mas sim promover práticas de inclusão, seja na escola, no trabalho ou em nossas vidas cotidianas. Assim promover a diversidade para Goellner (2010, p. 72)

“aceitar a ideia de que ser diferente não significa ser desigual, pois, em nome desses marcadores identitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais”

Ou seja devemos nos atentar se os direitos dessas pessoas que estão as margens estão sendo respeitados além de incentivar políticas públicas que envolvam a igualdade entre sujeitos e grupos sociais, promovendo assim a inclusão e permanência desses sujeitos na sociedade. Nesse sentido o professor de Educação Física tem uma papel importante para o reconhecimento da diversidade na escola, em vista que trabalhamos com o conhecimento dos corpos e o que envolve ele, ou seja a cultura e os poderes sociais que influenciam a constituição do sujeito que deve ser respeitada.

2.2 Ser diferente não é ser desigual

Muitas vezes consideramos os diferentes como sinonimo de desigual ou de incapaz, e trazemos essa ideia de uma sociedade excludente, que promove discursos que são considerados verdades absolutas desta forma, vemos que não raras as vezes levamos essa desigualdade para a educação, pelo qual deveríamos tratar os sujeitos com suas individualidades e características pessoais.

Para Canen (2014, p. 94) quando lidamos com a multiplicidade e pluralidade devemos também encarar as identidades como plurais sendo elas a base que constitui a sociedade. Considerando as identidades plurais das “raças, gêneros, religiões, saberes, culturas, linguagens e outras características identitárias, para sugerir que a sociedade é múltipla e que tal multiplicidade deve ser incorporada em currículos e práticas pedagógicas.” (CANEN, 2007, p. 94)

Desde modo quando trabalhamos com essas diferenças necessitamos tomar um certo cuidado em vista que sujeitos são diferentes e existe uma grande pluralidade de ideais e valores. Mas deixando de trabalhar com essa diferença, significa promover a desigualdade. Para Forquin (2000, p.61) “ Um ensino [...] só se torna multicultural quando desenvolve certas escolhas pedagógicas que são ao mesmo tempo escolhas éticas e políticas”. Ou seja para promover uma educação que não seja discriminatória e excludente devemos não só incluir debates acerca das diferenças, mas sim se posicionar politicamente.

Quando traduzimos a importância da diversidade e sua discussão em escolas, devemos lembrar das questões que envolvem o homossexual. Para Cavalcante (2014

p.21) “ a homofobia dentro do ambiente educacional tem se tornado umas das principais causas de evasão escolar. Isso acontece porque no espaço escolar faltam políticas publicas que incluam a diversidade sexual” Deste modo somente existe um modo de se viver a sexualidade que é a heterossexualidade, desvalorizando deste modo as sexualidade minoritárias.

Para Louro (2010, p. 143) As sexualidades minoritárias não quer dizer em questão a quantidade numerica, mas sim sobre um grupo dominante sobre o outro na sociedade, ou seja a sexualidade minoritaria nada mais é daquelas que permeiam e ficam a margem do que é considerado normal.

Cavalcante (2014, p. 21) contribui dizendo que “a escola é tida como uma espaço de interação, educação e formação de cidadãos” entretanto para eles alunos que se assumem LGBTs acabam por sofrer violências, psicológicas e físicas, tirando assim o direito da educação a esses estudantes. Em vista que muitos educadores ainda estão despreparados para lidar com o tema, deste modo silenciando a causa desses sujeitos.

Entretanto devemos levar em consideração que é na escola e pela escola que sujeitos se apropriam de informações e transformam essa informação em aprendizado. Deste modo debater a homofobia, homossexualidade e as diferenças presentes nos seres humanos, construirá um ambiente e uma sociedade onde essas diferenças sejam respeitadas e aceitas como uma possibilidade. Segundo Henriques apud BAHIA & FERREIRA:

A escola e, em particular a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças [...] A escola torna-se uma referência para o reconhecimento, respeito, acolhimento, dialogo e convivo com a diversidade.
(Apud BAHIA & PEREIRA, 2011, p.62)

Nesse sentido por meio de uma educação que trate a diferenças com respeito e políticas de inclusão construiremos assim uma sociedade de paz e que saibam conviver com as diferenças sem trata-los como desiguais, levando em consideração toda as suas plenitudes como sujeito.

CAPITULO 3

METODOLOGIA

Essa pesquisa se orientou pela abordagem qualitativa de pesquisa que, segundo LUDKE E ANDRÉ (2012, p.11), “tem ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu próprio instrumento”.

Sendo assim, optamos por esta abordagem pois decidimos por trabalhar em torno da compreensão da temática homossexualidade na formação do futuro professor de Educação Física.

A técnica utilizada para a compreensão desse problema foi a entrevista semi estruturada. Segundo Gil (1994, p.115) entrevista é uma “[...] forma de interação social, mais especificamente é uma forma de dialogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra apresenta como fonte de informação”, ou seja, o pesquisador busca compreender o problema por meio do entrevistado em busca de promover uma discussão e compreensão em torno dos resultados.

Participaram da pesquisa 10 alunos do curso de licenciatura em Educação Física de uma universidade pública do interior de São Paulo, sendo que todos eles estavam no último ano do curso.

Vale ressaltar que os nomes dos entrevistados foram preservados bem como o nome da instituição, onde se realizou a pesquisa.

A coleta de dados teve início em agosto de 2018, sendo feito um contato com os participantes, expondo a temática e os objetivos da pesquisa, que, em seguida, manifestaram o aceite em participar do estudo (ANEXO B). Pelo qual responderam seis perguntas e houve ainda uma questão final que envolveu uma situação problema para que todos os participantes respondessem, a fim de compreender o modo como entrevistado resolveria uma situação prática hipotética relacionada ao seu contexto profissional.

Todos os entrevistados colaboraram respondendo às perguntas (ANEXO A), algumas respostas foram mais objetivas e rápidas e outras nem tanto. As entrevistas foram realizadas em uma sala desta universidade. Sendo registradas por meio do

recurso de gravação de voz em celular a entrevista na íntegra e também em um caderno os principais pontos.

Realizou-se uma análise das respostas dos licenciandos, caracterizando e problematizando a homossexualidade e a futura atuação docente.

A sistematização dos dados da pesquisa foi realizada em torno das questões e da situação problema.

CAPITULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentaremos as entrevistas realizadas em ordem das perguntas como está no anexo A, as análises serão feitas com as respostas que mais se assemelham ou querem dizer a mesma coisa e com as resposta que mais chamaram a atenção. Afim de problematizar e evidenciar algumas respostas, na última pergunta da entrevista foi realizada uma situação problema do cotidiano escolar, aonde achamos de suma importância colocar na integra o que todos os alunos responderam, pois assim poderemos ter uma visão mais clara e realista do que acontece na escola.

Os alunos licenciandos em Educação Física da universidade pesquisada são prejudicados pela falta de conteúdo que aborde as temáticas acerca das sexualidades e diversidade, em vista uma grande maioria não se sente preparado e acham de suma importância o tema homossexualidade ser debatido, a fim de se quebrar e desestabilizar discursos heteronormativos.

Deste modo o não conhecimento da temática em questão colabora para propagação de discursos preconceituosos afetando-os assim a desempenhar um bom papel de professor e conseqüentemente suas praticas pedagógicas.

A primórdio fez-se um contato com os licenciandos de Educação Física de uma faculdade publica do interior de SP. A fim de realizar entrevistas sobre a visão deles acerca da homossexualidade.

Na primeira questão “Para você, o que é homossexualidade? Disserte a respeito” os participantes se posicionaram demonstrando saber o que é homossexualidade. Nas visões deles, 80% dos entrevistados responderam que se trata de uma “Atração sexual por pessoas do mesmo sexo”, dois entrevistados que representam 20% que responderam diferentes foi o que chamou mais atenção devido que o primeiro licenciando disse: “(...) é a questão da atração sexual por pessoas do mesmo sexo, o que eu sei é que não é uma coisa muito divulgado, mas porque não é uma coisa muito normal(...)” (João) Já o outro aluno contribuiu dizendo que: “(...) ela nasce com você, mas você demora pra entender o que é, como funciona e não tem

orientação sobre isso nenhuma, porque ninguém fala a sexualidade, já é um tabu entre família e na escola. E se for a sexualidade que não é dentro da heteronormatividade é mais difícil ainda ter essas orientações(...)" (Ronaldo). Ou seja, vemos aqui a discrepância entre os dois alunos, pois um relata a vivência e o outro o que presume ser, além de não considerar esta sexualidade possível. Nesse sentido vemos que não é possível afirmar o que é de fato a homossexualidade em vista que é uma questão pessoal e aberta, pois o que a homossexualidade representa para algumas pessoas para outras elas enxergam de um outro modo, segundo Fly & MacRae. (1985, p.2) "não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ele associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas."

Na Segunda "Nas aulas do seu curso de graduação você já presenciou ou não alguma situação de preconceito com relação à homossexualidade? Se sim, descreva como foi esta situação." Os participantes se posicionaram, 20% falaram que não, outros 20% que não se recordam e seis que sim presenciaram, mas de certa forma por comentários que consideraram "brincadeiras" que perpetuam o preconceito. Segundo Britzman (1996, p. 80) "essa ênfase na privatização das identidades sexuais faz parte do discurso da heteronormatividade, [...] a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante".

Na terceira pergunta "Ao longo do seu curso de graduação, em alguma disciplina, você já realizou alguma discussão ou não sobre a temática da homossexualidade? Se sim, descreva em qual disciplina e como foi." Foi realizada a fim de investigar a questão da formação dos licenciandos e se houve disciplinas que abordaram o tema. Cerca de 90% responderam que sim algumas disciplinas foram citadas, entre elas estão: Estágios Supervisionados, Educação Física Escolar II, Antropologia, Didática e Educação Física, Medidas e Avaliação em Educação Física e Bases Teórico-Práticas do Treinamento Físico. Apenas uma pessoa disse que nenhuma disciplina tratou sobre o tema.

Embora algumas disciplinas que foram citadas pelos entrevistados acima tratem sobre o tema, partimos do pressuposto de que a formação dos licenciandos ainda é insuficiente para tratar o tema com propriedade desde modo para verificar a veracidade do pressuposto perguntamos na quarta pergunta "Você se sente

preparado/a ou não para discutir/ensinar sobre a homossexualidade quando estiver atuando como docente? Sim ou não, por quê?” 60% dos alunos disseram não estar preparados, 10% não soube responder e 20% se sentem preparados, mas possuem medos em relação ao posicionamento da escola e pais e 10% disse que se sente preparado, mas por que pesquisaria sobre o tema por fora, em vista que não discutiu na faculdade.

Um dos depoimentos que chamou mais atenção nesta pergunta foi: “quanto ao assunto eu entendo um pouco do assunto por ser homossexual, eu sei como foi difícil na época escolar que não tinha ninguém para me orientar e ter alguém para orientar é muito bom e eu acho que eu conseguiria fazer isso, meu medo maior é a reação da própria escola em saber que você está fazendo esse tipo de trabalho (...) e o medo também da reação dos pais dos alunos até por eu ser homossexual e estar dando aulas pra eles, vão achar que eu vou influenciar”.

Infelizmente para algumas pessoas os homossexuais são vistos como doentes e que essa “doença” é contagiosa, o que não passa de um pensamento preconceituoso e homofóbico, Louro (1999, p. 29) diz que: “a homofobia se expressa pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse ‘contagiosa’, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais.” Este medo da escola e pais possui fundamento e é aceitável, mas subvertermos esse pensamento se faz necessário preparo, desde modo confirma-se aqui que a formação não esta sendo suficientes para preparar os futuros professores para lidar com a sexualidade nas suas aulas e nem na comunidade escolar como um todo.

Além de saber se eles estão preparados, queríamos saber também se eles achavam importante trabalhar com esse tema tanto na escola como na graduação deles, assim da quinta pergunta” Em sua opinião, estas questões devem ou não ser tratadas no curso de licenciatura em Educação Física e na escola (e nas aulas de Educação Física)? Por quê?” 90% do alunos entrevistados acreditam que sim, deve ser trabalhado a temática tanto na escola como na graduação a fim de prepara-los melhor para situações cotidianas que professores passam diariamente em relação ao tema. 10% acredita que pode ser trabalhado, mas dependendo da faixa etária e não como disciplina na graduação. Em contraponto um dos alunos entrevistados disse o seguinte: “Sim porque hoje tem um preconceito muito grande e até questão de

violência tanto na universidade e fora é muito maior (...) e acho que deveria até ter uma disciplina específica, algo do tipo pra saber tratar sobre esses assuntos” Para Goellner (2010, p. 80) “Para construir uma prática pedagógica inclusiva e diferenciada, é fundamental entender que existem muitos elementos de ordem cultural que historicamente têm privilegiado determinados indivíduos e grupos em relação a outros.” Ou seja precisamos reconhecer esses privilégios e debater-los, conhecê-los e dialogá-los e porque não proporcionar isso na formação inicial docente.

Em seguida deixamos um espaço aberto para os entrevistados se manifestarem do modo que quiserem e permitindo-os acrescentar algo que não foi falado, 60 % falaram que não tinham mais nada a acrescentar, os outros 40% falaram a respeito do ensino e das vivências acerca da homossexualidade, 30 % favorável ao ensino e 10% contrário dizendo: “É um tema que tem sido bastante discutido na faculdade alguma coisa na escola também, mas tem que ver com cautela por causa, a gente não pode impor o nosso ponto de vista no sentido de colocar isso em local de conteúdos mais importantes da educação física nossos jogos, esportes, as brincadeiras, danças, lutas não pode deixar de passar isso em detrimento de conteúdos como esse.”

Porem pode-se dizer que os conteúdos da Educação Física podem ser sim correlacionados com diversas temáticas, em vista que fazemos uma resignificação desses conteúdos para serem abordados na escola. Maffei (2015 p.103) propõe trabalhar com os conteúdos da cultura corporal do movimento que são os jogos, esportes, ginásticas, atividades, rítmicas e expressivas, Lutas e artes marciais, fazendo um cruzamento temático com a Contemporaneidade, Meio Ambiente e Saúde, de acordo com o quadro abaixo:

Conteúdos da Cultura	Temas		
	Contemporaneidade	Meio Ambiente	Saúde
Jogo	✚	✚	✚
Esporte	✚	✚	✚
Ginástica	✚	✚	✚
Atividades rítmicas e expressivas	✚	✚	✚
Lutas e artes marciais	✚	✚	✚

Quadro 1 – Possibilidade de relação existente entre conteúdos e temas.

Fonte: Willer Soares Maffei (2015, p.103).

E por fim, finalizando as entrevistas, nós propusermos a pergunta-situação no qual os faziam pensar na maneira prática em que eles agiriam numa situação de preconceito, destacando os posicionamentos dos entrevistados:

“Se for opção dele gostar de dançar e tiver competência o incentivo a seguir o caminho, agora a questão dos comentários possivelmente homofóbicos chamo o acusado, a pessoas que fez no canto explico pra ele a situação e uma possível punição sobre isso e é mais um alerta que é uma coisa errada a questão do preconceito.” (João)

“Se fosse algo escancarado trataria de uma forma mais firme, mas por se tratar de algo mais mascarado, acredito que faria uma coisa mais leve, por exemplo, se um aluno gosta de dança e tem determinada tipo de roupa , mostraria pra quem se acha muito masculino o haka movimento do rúgbi que é uma coisa extremamente masculina e mostrar que a dança é um ritual um rito, momento de preparação e histórico que tem por trás daquilo que eles estão indo para a guerra poderia mostrar que a dança não esta relacionada com esse tipo de publico só feminino ou só homossexual e com relação a vestimenta poderia mostrar que diversos outros lugares a vestimenta é cultural, tem países que homem podem usar saia tem países que podem ter tatuado tem países que tem preconceito contra isso” (Torres)

“Eu tentaria, quer dizer de primeiro momento não teria muita reação de como lidar, mas acho que eu tentaria, mas tentaria montar uma aula com a historia mostrar tipo bailarinos e a historia, eu não trabalharia questão dos trejeitos dele se ele é e não é trabalharia a historia e mostrar que tem homem que trabalha com isso.” (Babi)

“É uma boa pergunta por que é o tipo de situação que acontece muitas vezes não tem nem essa questão do ballet, mas só por conta dos trejeitos e do tom da voz já é motivo suficiente, mas o que eu faria? Eu tentaria envolver alguma atividade relacionada o ritmo ou a dança pra fazer com que todo mundo dançasse e todo mundo se envolvesse e talvez investigar a questão da dança de que todo mundo pode dançar e trazer isso pra eles até escolher uma dança que eles gostem e esperar chamar a atenção e ficar observando se ele vai se sentir a vontade e proporcionar atividades que ele consiga falar e talvez expor o conhecimento que ele já vai ter por praticar então ele já vai ter uma noção de ritmo e ai os outros verem que ele sabe e ele vai ser procurado por conta disso, mas principalmente seria interessante fazer um trabalho com todos os professores pra todo mundo ver se essa situação realmente acontece pra tentar fazer uma analise e tentar desenvolver e fazer algum trabalho interdisciplinar pra tentar sanar esse tipo de problema, mas de inicio eu congelaria e segue o baile, mas não pode seguir o baile, por isso que precisa ter na faculdade esse tipo de discussão” (Ronaldo)

“Trazer mais a dança para perto da turma e trabalhar com eles vários tipos de dança e que não é somente passos femininos que qualquer homem pode dançar, inclusive sendo ou não homossexual e tentar quebrar o tabu da sala a respeito a ele.” (Tati)

“Tentaria trabalhar a dança do ponto de vista assim a dança masculina, homem dançando porque não é porque ele dança que ele é homossexual, é o mesmo jeito eu que joga futsal, não é porque eu joga que eu sou, então uma coisa não leva a outra tentaria trabalhar a dança e o homem na dança algo histórico e o contexto e tentar quebrar esse tabu.” (Larissa)

“Eu ia intervir e chamar os alunos que estavam mexendo com esse aluno e provavelmente ia chamar a sala toda e conversar sobre isso com eles e falar que isso é preconceito e que não pode e tentar conversar com eles sobre a homossexualidade, e traria a temática em algum conteúdo.” (Jhoe)

“Primeiramente ia parar a aula e tentar conversar sobre aquilo e se repetisse tentar trabalhar mais sobre o assunto e trabalhar questões de respeito, independente das escolhas até porque a gente tem que aceitar e respeitar o outro por que ninguém precisa gostar ou não mais tem que respeitar.” (Castro)

“Eu abordaria através de informação e conhecimento a respeito de homossexualismo, que não é isso que define alguém, a escolha do parceiro e parceira e também se for qual é o problema, deixar um diálogo e ouvi-los para saber de que ponto eu vou partir, ouvir por que esta este comentário, essa zuação, porque e de onde vem pra gente trabalhar isso.” (Soares)

“Bom aproveitaria esse gancho para falar mais sobre dança e mostrar que não é porque um menino esta dançando ele é homossexual, mostraria diversos dançarinos e pessoas famosas, homens que dançaram e mostrar como isso é importante, que eles entendam o quanto é importante tanto homem como mulher participem da dança os dois são ótimos nisso e não tem nada haver com orientação sexual.” (Cacau).

Ao vermos as respostas anteriores e problematizarmos é necessário pensarmos como Goellner (2010, p. 82) “qualquer prática pedagógica se faz por meio da intervenção de pessoas concretas, cujas ideias podem tanto reforçar as exclusões, os preconceitos, as violências, quanto minimizá-las. Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito”. Ou seja devemos investir na formação dos futuros professores em vista que podemos por meio de nossa pratica pedagógica intervir e assumir um caráter de educação inclusiva.

Vemos nos discursos anteriores que muitos deles conseguiriam sim tratar sobre o respeito, a homossexualidade e a diversidade por meio do cruzamento de conteúdos e temáticos já abordado anteriormente, não é intenção dessa pesquisa julgar ou dar uma receita pronta de como trabalhar esta temática, mas incentivar que ela seja trabalhada com respeito, dignidade e empatia, em busca de uma harmonia entre todos os sujeitos da sociedade.

Entretanto deve-se destacar que muitos dos alunos mesmo abordando o tema pelo cruzamento necessitam de receber maiores informações, conceitos e instruções, em vista que ainda há muito preconceito embutido nos discursos, que eles mesmos não percebem, mas que é normal devido ao contexto social em que vivemos, por isso acreditamos que se faz necessário mais discussões na universidade, projetos de

pesquisas, grupos de estudo e projeto de extensão, contribuindo na formação dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de identificar e analisar os discursos dos licenciandos de um curso de Educação Física sobre a homossexualidade, identificamos que ainda existe muito receio em trabalhar com a temática nas aulas, isso deve-se aos poucos diálogos e debates que trabalham na formação dos licenciandos, embora algumas disciplinas abordem a temática tais como: Estágios Supervisionados, Educação Física Escolar II, Antropologia, Didática e Educação Física, Medidas e Avaliação em Educação Física e Bases Teórico-Práticas do Treinamento Físico. E esse receio de se trabalhar a temática em conjunto com a falta de informação e formação dos futuros professores implicam a falta de diálogo nas salas de aula acerca da temática e da diversidade.

Com a realização dessa pesquisa pode-se perceber o quão importante é a formação do indivíduo para a diversidade, em vista que muitos discursos de preconceito ainda estão embutidos no pensamento como discursos verdadeiros e únicos possíveis. E por mais que haja a desconstrução de alguns pensamentos na universidade pode-se constatar que ainda não é suficiente e precisamos sim de mais diálogo e problematização sobre o tema para que haja uma transformação de pensamento realmente efetiva, claro que o movimento está tomando força somente agora provindo de um movimento feminista onde Simone Beauvoir nos diz que “não se nasce mulher e torna-se mulher”. Sendo possível assim discutir os papéis de gênero interligando com as sexualidades e o que se é esperado do masculino e feminino.

Deste modo não se pretendeu ditar um jeito de trabalhar as questões e nem propor uma “receita de bolo”, mas sim dizer que precisamos nos preparar mais se nós quisermos uma sociedade com uma cultura de paz, harmonia e respeito. Podemos também dizer que no ano de 2018 ainda há muito discurso de ódio e violência, vivemos um período retrocesso político e de direitos que haviam sido alcançados com muitas lutas e mortes e por meio da educação que conseguiremos novamente a conquista de direitos e respeito ao próximo, se queremos transformação na sociedade devemos começar com os professores que são capazes de transformar uma sociedade e uma geração inteira. Nesse sentido Goellner (2010, p. 82) diz que:

[...] qualquer prática pedagógica se faz por meio da intervenção de pessoas concretas, cujas ideias podem tanto reforçar as exclusões, os preconceitos, as violências, quanto minimizá-las. Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio.

Neste estudo trouxemos em pauta a temática do trabalho com a homossexualidade e também a diversidade na escola e na formação inicial dos licenciados de Educação Física e como proposto pelos próprios entrevistados fica nossa sugestão que se promova um maior investimento na formação inicial dos futuros professores, englobando maiores debates, diálogo, projetos e disciplinas que promovam o respeito com a diversidade. Assim dando argumento a eles para que trabalhem com essa discussão na escola seja por meio do cruzamento de eixos conteúdos e temáticos ou por meio de projeto interdisciplinar.

Este estudo contribui para minha formação pessoal e profissional, em vista que fez com que eu pudesse pensar, problematizar e subverter discursos que me faziam com que mesmo sem perceber que me fazia preconceituoso e enquanto docente este estudo pode contribuir com conhecimentos e também com métodos e práticas pedagógicas, e enquanto academicamente esperamos que este trabalho contribua com o referencial teórico e também auxilie na problematização de diversos discurso mesmo dentro da universidade.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, A. G. M. F. & PEREIRA, G. R. Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafio as construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n.39, p.51-71, jan/abr. 2011. Editora UFPR.
- BARRETO, M. I. O que adolescentes de uma escola municipal de Aracaju querem ou não saber sobre sexualidade In: **Encontro Nacional De Pesquisa Em Educação Em Ciências**, jul, 2009, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ABRAPEC, 2009.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássico: uma revisão. In: BAUER, M. & GASKELL, G. (org.) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.189-217.
- BORTOLINI, A. Diversidade sexual e de gênero na escola: uma perspectiva interrelacional e intercultural. In: BORTOLINI, A. **Diversidade sexual e de gênero na escola: educação, cultura, violência ética**. (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 26-51.
- BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 71-76, jan./jun. 1996.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANEN, A. **O Multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação**. In. *Revista Comunicação Política*, 2007, V. 25, nº 2. Pág. 91-107.
- CAVALCANTE, J.M. **Por uma escola plural: a diversidade de gênero e sexual na perspectiva multicultural**. Guarabira-PB, nov. 2014. UEPB.
- DELEUZE, G. **Conversações -1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FORQUIN. J. C. **O currículo entre o relativismo e o universalismo. Educação e Sociedade**. Campinas, v. 21, n. 73, 2000. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000400004&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 21 Set. 2018.
- FRY P. & MACRAE E. **O que é homossexualidade**. São Paulo. Abril Cultural. Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos).
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005

- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOELLNER, S. V A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação CBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.
- JOHNSON, R. **Sexual dissonances**: or the 'impossibility' of sexuality education. *Curriculum studies*. v. 4 (2), 1996. p.163-189.
- JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. (Org.). Brasília, 2009, p. 13-51.
- _____. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a pedagogia do armário. In: SILVA, F. F.; MELLO, E. M. B. **Corpos, gêneros, sexualidade e relações étnico-raciais na educação**. (Orgs.). Uruguaiana, RS: Unipampa, 2011.
- LANZ, L. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero / Letícia Lanz – Curitiba, 2014. UFPR
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, 6ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.
- _____. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23. 2008.
- _____. Sexualidade minoritárias e educação: novas políticas? In: POHANY, F. **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo**: corpo e prazer. Porto Alegre: Nuances, 2010.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.
- MAFFEI, W. S. Educação Física frente aos desafios da mudança. **R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, jan./jun. 2015.
- MISKOLCI, R. **Do Desvio Às Diferenças**. *Teoria & Pesquisa* 47.Jul/Dez. 2005. UFSCar disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/43/36>> Acesso em: 22/10/2018

_____. **A teoria queer e a sociologia:** o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, a. 11, n. 21, jan/jun. 2009, p. 150-182.

PERES, W. S. Travestis: subjetividade em construção permanente. In: UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. G. (Orgs.). **Construções da sexualidade**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANDERS, G. L. O Amor que Ousa Declarar seu Nome; do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBERBLACK, E. **Os Segredos na Família e na Terapia Familiar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

SANTOS, J. P. & BERNARDES, N. M. G. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. In ZANELLA, AV., et al., org. **Psicologia e práticas sociais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 289-296.

SILVA, F. F.; MELLO, E. M. B. **Corpos, gêneros, sexualidade e relações étnico-raciais na educação**. (Orgs.). Uruguaiana, RS: Unipampa, 2011.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Para você, o que é homossexualidade? Disserte a respeito
2. Nas aulas do seu curso de graduação você já presenciou ou não alguma situação de preconceito com relação à homossexualidade? Se sim, descreva como foi esta situação.
3. Ao longo do seu curso de graduação, em alguma disciplina, você já realizou alguma discussão ou não sobre a temática da homossexualidade? Se sim, descreva em qual disciplina e como foi.
4. Você se sente preparado/a ou não para discutir/ensinar sobre a homossexualidade quando estiver atuando como docente? Sim ou não, por quê?
5. Em sua opinião, estas questões devem ou não ser tratadas no curso de licenciatura em Educação Física e na escola (e nas aulas de Educação Física)? Por quê?
6. Você gostaria de falar mais alguma coisa?

ROTEIRO DE SITUAÇÃO

Uma aluna do sexo feminino gosta de jogar futebol, utiliza roupas e expressa trejeitos que a sociedade considera masculinos. Em sua aula você percebe que ela está sendo excluída e ouve um comentário de cunho homofóbico vindo de um dos colegas da turma. Se você fosse o docente deste grupo, como encaminharia esta questão?

ANEXO B



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU

Faculdade de Ciências

Departamento de Educação Física.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa intitulada “**Licenciandos em Educação Física e a homossexualidade**” tem como objetivo identificar e analisar os discursos dos licenciandos de um curso de licenciatura em Educação Física de uma universidade pública sobre homossexualidade.

A pesquisa fará uso de entrevista e análise de uma situação cotidiana.

Os benefícios da pesquisa estão assentados na possibilidade de mapear elementos que possam ser discutidos e que venham a contribuir com a formação inicial de futuros professores de Educação Física.

Os resultados obtidos serão utilizados somente para fins científicos e a identidade dos participantes será mantidas em sigilo.

Os participantes poderão isentar-se da pesquisa em qualquer momento que desejarem, podendo ainda, retornar em outra data, combinada com o responsável da pesquisa. Tais participantes também não terão qualquer despesa com a pesquisa em voga, bem como, a instituição promotora não se compromete a indenizá-los por danos imediatos e tardios decorrentes do estudo, salvo em casos de comprovado nexos causal.

Os riscos do estudo se relacionam aos eventuais desconfortos que poderão ser sentidos pelos participantes ao responderem as questões e analisar a situação cotidiana. Entretanto, o pesquisador dará todo o suporte necessário para auxiliar neste momento.

Desse modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo eu (nome completo) _____ portador(a) do RG n.º _____ e CPF _____, me comprometo a participar, como voluntário(a), da referida investigação de autoria e execução do Graduando Dereck Gabriel Camargo sob orientação da Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira, junto ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru.

Concordo que os resultados obtidos da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro, como forma de garantir o que é afirmado no termo em questão.

Assinatura do/da participante

Bauru, ____ de _____ de 20__

Telefones para contato: _____

Informações da pesquisadora

E-mail: dereckcamargo95@gmail.com

Telefone para contato: (14) 99689-2329

Coordenadoria Geral de Bibliotecas
C@pelo - Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Dereck Gabriel Camargo

CPF: 42536636801

Telefone: [14] 99689-2329

E-mail do autor: dereckcamargo95@gmail.com

Autoriza a divulgação deste endereço eletrônico na Biblioteca Digital C@pelo? Sim Não

Título: A Homossexualidade nas perspectivas de futuros Professores de Educação Física.

Palavras-chave: Homossexualidade, licenciandos, Educação Física, diversidade.

Unidade: Faculdade de Ciência.

Campus: Bauru.

Curso de Graduação: Educação Física- Licenciatura


Orientador: Profª Drª Lilian Aparecida Ferreira

Banca: Eliane Isabel Julião Fabri

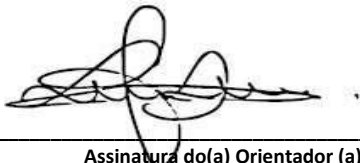
Angela Cristina Rodrigues Russo

Data da defesa: 09/11/2018.

AUTORIZO a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a publicar em ambiente digital institucional, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral da obra acima citada, em formato PDF, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.


Assinatura do(a) autor (a)

06/12/2018
Data


Assinatura do(a) Orientador (a)

05/12/2018
Data

TRAMITAÇÃO NA UNESP

DE ACORDO COM A PORTARIA UNESP Nº 03/09, O CONSELHO DE CURSO É SOBERANO PARA DECIDIR OS CRITÉRIOS DE QUALIDADE PARA ENVIAR OU NÃO OS TCCs DEFENDIDOS NO CURSO, PARA DIVULGAÇÃO NA BIBLIOTECA DIGITAL C@PELO.

Conselho de Curso de Graduação

Nome do coordenador(a)

Assinatura

Recebido em: ____/____/____

Liberado em: ____/____/____

Biblioteca da Unidade

CGB - Biblioteca Digital [C@pelo](#)

Recebido em: ____/____/____

Recebido em: ____/____/____

Liberado em: ____/____/____

Obs: Preencher este termo em uma via assinada e enviar à Biblioteca da Unidade, juntamente com o arquivo eletrônico em formato PDF.

O ARQUIVO PDF NÃO DEVE CONTER SENHA DE PROTEÇÃO